

Masculinidades contemporâneas: cruzando temas e perspectivas¹

ESMAEL A. OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD), DOURADOS – MATO GROSSO DO SUL, BRASIL
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-9235-5938
ESMAEL_OLIVEIRA@LIVE.COM

MARCOS NASCIMENTO

INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA/FIOCRUZ (IFF/FIOCRUZ), RIO DE JANEIRO - RJ, BRASIL
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-3363-4232
MARCOS.NASCIMENTO@FIOCRUZ.BR

MOISÉS LOPES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT), CUIABÁ – MATO GROSSO, BRASIL
HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-7506-707X
SEPOLM@GMAIL.COM

Introdução

Embora o campo dos estudos sobre masculinidades tenha emergido no contexto do norte global ao longo das décadas de 1970-1990 (Falconnet, Lefaucheur, 1975; Kimmel, 1987; Leal, 1989; Kimmel, Messner, 1992; Badinter, 1992; Vale de Almeida, 1995; Bourdieu, 1998), de 1990 em diante observa-se um crescimento significativo nas produções acerca do tema, seja a nível internacional, seja a nível nacional (Perlongher, 1987a; Connell, 2000, 2005; Welzer-Lang, 2001; Nolasco, 1993; Souza, 1994; Caldas, 1997; Medrado, 1997; Arilha, Unbehaum & Medrado, 1998; Jardim, 2001; Nascimento, 2001; Seffner, 2003; Albuquerque Júnior, 2003; Schpun, 2004, dentre outros). Nesse sentido, a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo: 177092/2023-8).

partir de diferentes campos disciplinares, com perspectivas teóricas e metodológicas distintas, autores e autoras têm se debruçado para refletir e problematizar as nuances e complexidades que cercam “os homens” e “seu(s)” universo(s).

No Brasil, tal expansão tem sido acompanhada tanto por desdobramentos em torno de temas consagrados, tais como violência masculina, machismo, poder, sexualidade, quanto por novos enquadres temático-analíticos, tais como: masculinidades e mídias sociais (Zanello, 2020), masculinidades e saúde (Costa, 2003; Gomes, 2011; Rohden, 2012), masculinidades e raça (Faustino, 2014; Restier & Souza, 2018; Camilo & Silva-Junior, 2022), masculinidades e marcadores sociais de diferença (Pinho, 2014; Caetano & Silva Junior, 2018; Henrique Restier & Rolf Souza, 2018), masculinidades e paternidade (Costa, 2002; Tarnovski, 2007; Uziel, 2007; Saraiva, 2007; Beiras, 2007), masculinidades e conjugalidades (Heilborn, 2004; Córdova, 2004; Paiva, 2007; Lopes, 2009, 2010), transmasculinidades (Almeida, 2012; Braz, 2019), dentre outras temáticas emergentes.

Certamente, as discussões sobre masculinidades não se esgotam na produção nacional. Nesse sentido, é importante mencionar as pesquisas sobre masculinidades desenvolvidas ao longo dos anos por pesquisadores e pesquisadoras da América Latina e Caribe². Longe de ser exaustivo, sinalizamos alguns temas que vêm sendo desenvolvidos mais recentemente. Destaque para o diálogo entre masculinidades e emoções, desenvolvido por Juan Carlos Ramírez, no México (2020); o trabalho sobre prostituição masculina de Izquierdo, Rodríguez & Hernández, da Colômbia (2015); os estudos de Hermosa-Bosano, Paz, Hidalgo-Andrade & Aguayo-Romero, no Equador, em torno de masculinidades e o uso de mídias digitais para relacionamentos (2021); para o debate sobre homens e cuidado paterno realizado por Viveros, da Colômbia (2022); e sobre masculinidades e decolonialidade, como o desenvolvido por Vigoya (2018), também na Colômbia. Destacamos ainda os esforços empreendidos por Fabbri (2021) e Jones & Blanco (2021), ambos da Argentina, para pensar a relação dos homens com os ativismos em prol da equidade/igualdade de gênero e suas tensões e disputas com os feminismos, além do compêndio de análise de 20 anos de produção no contexto latino-americano editado por Sebastian Madri, Teresa Valdés e Roberto Celedón (2020), do Chile.

Tendo como pano de fundo esse cenário de contínua efervescência, e levando em conta nossas distintas trajetórias de pesquisa, bem como nossos diálogos e interesses em torno das masculinidades, é que propusemos a organização do presente dossiê temático “Masculinidades contemporâneas: cruzando temas e perspectivas”. O intuito foi o de ampliar o debate possibilitando, desta forma, a visibilidade de trabalhos e pesquisas de diferentes nacionalidades, pertencentes às mais diversas áreas disciplinares e suas respectivas vinculações teórico-metodológicas – fossem de viés teórico ou empírico. Afinal, o que as masculinidades contemporâneas nos provocam a pensar? Quais as continuidades e descontinuidades que revelam em relação aos debates clássicos? Quais as novas pautas e/ou questões que emergem em torno deste tema em um contexto atravessado pela virtualização e tecnologização da vida, pelos dilemas sociopolítico-econômicos da sociedade global e local, pelo crescimento da extrema direita no

2 No Brasil, um balanço pioneiro sobre o campo de estudos das masculinidades foi empreendido pela antropóloga Miriam Pillar Grossi (2004). Na revisão realizada pela pesquisadora, tomando como foco a área da antropologia, foram privilegiados os seguintes eixos temáticos: masculinidade e feminilidade, trabalho, honra, paternidade e emoções.

Brasil e no mundo, pelo cenário pós-pandêmico, pela reivindicação de novas formas de viver e experimentar as identidades sexuais?

Masculinidades e Saúde

No tocante ao campo da saúde, tem-se desenvolvido um espectro amplo de estudos e pesquisas em torno do que se convencionou chamar “saúde do homem” (Gomes, 2008). Sendo um dos poucos países do mundo com uma política pública de atenção integral à saúde, o Brasil se destaca nesse campo, com diferentes produções acadêmicas sobre as barreiras sociais, culturais, políticas e econômicas para a construção de uma agenda de saúde pública envolvendo os homens, sobretudo no contexto pós-pandêmico (Gomes, Couto & Kejzer, 2020; Medrado, Lyra, Nascimento, Beiras, Corrêa, Alvarenga & Lima, 2021, dentre outros).

Mas que questões surgem na inter-relação entre masculinidades e saúde? Para além de agravos crônicos à saúde, a relação entre homens e a violência urbana e de gênero, incluindo homicídios e suicídio, tem sido objeto de interesse e de estudos cada vez mais presentes (Gomes, Cecchetto & Nascimento, 2017; Ferrari, Nascimento, Nogueira, & Rodrigues, 2021). A saúde mental, muitas vezes reduzida ao uso de álcool e outras drogas, ganha novos contornos no Brasil e na América Latina com trabalhos sobre sofrimento masculino, como os de Rafael Silva e Eduardo Melo (2021), de Felipe de Baére & Valeska Zanello (2020), de David Tiago Cardoso & Adriano Beiras (2022) no Brasil, e de Francisco Aguayo (2023) no Chile. A saúde transmasculina surge com força no cenário, trazendo outros aspectos da saúde de homens trans e pessoas transmasculinas para além do processo transexualizador (Peçanha & Almeida, 2021; Pereira, 2021). A pouca produção sobre o envelhecimento masculino chama a atenção, destacando-se trabalhos como o de Lucas Tramontano (2012) e Mauro Brigeiro (2000).

No que tange a saúde de GBTs (Gays, Bissexuais e Transmasculinos) e HSHs (Homens que fazem sexo com homens), para além dos clássicos estudos da década de 1990 em diante, que se debruçaram para a compreensão do impacto da epidemia de HIV/Aids (Carrara e Moraes, 1985; Perlongher, 1987b; Pollak, 1990; Seffner, 1995; Valle, 2002 entre diversos outros autores/as), e que se mantém em desenvolvimento ainda hoje, há atualmente um conjunto de outras investigações inovadoras que passaram a abordar a temática da construção e vivência de práticas de medicalização e autocuidado com o uso de estratégias combinadas de prevenção da transmissão do HIV, como o uso de PREP (Profilaxia Pré-Exposição), como os trabalhos de Ferrari (2018), Rocha (2019), de Sierra e Meyer (2020) e Eládio Fernandes de Carvalho Junior (2021); o uso de PEP (Profilaxia Pós-Exposição) é abordado nos trabalhos de Alvarez (2017), Costa e Gonçalves (2021), Mathias (2021). Há ainda um conjunto de pesquisas que buscam romper com a histórica vinculação entre desejos, práticas sexuais e eróticas e a gramática dos riscos e perigos, como os estudos de Victor Hugo de Souza Barreto (2012, 2016), ou as pesquisas sobre o Bareback, como as de Luiz & Spink (2013), de Felberg (2015), ou de Bezerra (2019).

Essa produção no campo da saúde aponta para a necessidade de uma perspectiva analítica que considere os marcadores sociais da diferença nos processos de saúde e adoecimento, requerendo também aportes das ciências sociais e humanas para a compreensão de fenômenos que trazem em seu bojo

uma complexa teia de crenças, valores e significados atrelados a contextos sociais, culturais, econômicos e políticos nem sempre amistosos. É importante destacar que, para além do campo da saúde, a antropologia segue produzindo atualizações do debate ao problematizar, dentre outras questões, a articulação entre homossexualidades e envelhecimento (Simões, 2011; Henning, 2017).

Masculinidades, conjugalidades e parentalidades

Tradicional tema de estudos no campo da antropologia, a organização social e o parentesco, nos últimos anos, têm sofrido um forte impacto das mudanças que vêm ocorrendo nas diversas democracias do mundo com o reconhecimento de outras formas de família e conjugalidade (Oliveira, Becker, 2018), bem como pelo forte impacto das tecnologias no campo da reprodução.

Neste sentido, muitas pesquisas que têm como foco o tema da paternidade, da conjugalidade e das masculinidades no universo LGBT têm emergido e merecem destaque, tais como os já clássicos trabalhos de Maria Luiza Heilborn (2004), no qual apresenta uma comparação entre a construção da conjugalidade nos universos heterossexuais, de gays e de lésbicas, ressaltando a questão do gênero como um dos elementos diferenciadores; o trabalho de Córdova (2004), que faz uma análise da vida conjugal de gays e lésbicas da comunidade de Ratoles em Santa Catarina; a pesquisa desenvolvida por Moisés Lopes (2009) na cidade de Cuiabá em 2005, com casais de homens gays e as estratégias de sobrevivência em contextos de cidades do interior; a investigação de Antonio Cristian Saraiva Paiva (2007), em que analisa as ligações homoeróticas entre homens na cidade de Fortaleza dando enfoque às questões que envolvem as masculinidades; a tese de doutorado em antropologia desenvolvida por Moisés Lopes (2011), que mergulha no universo da construção das masculinidades no Brasil e na Argentina entre homens que vivem relação de conjugalidade.

Tais trabalhos citados não esgotam o campo e, mais recentemente, têm emergido novos estudos dentro deste campo ressaltando outras questões, como, por exemplo, a articulação entre conjugalidades, desejo e práticas não convencionais como a troca de casais (Silvério, 2014); relações mediadas digitalmente (Pelúcio, 2015), entre outros trabalhos.

Abordando o campo de investigações sobre paternidades e masculinidades nas ciências sociais brasileiras ganhou grande impulso com a inflexão representada pelos estudos sobre as masculinidades no Brasil a partir das décadas de 1980 e 1990. Assim, é relevante destacar alguns estudos sobre masculinidade e reprodução que compõem a coletânea de artigos organizada por Margareth Arilha, Sandra G. Unbehaun Ridenti e Benedito Medrado (1998) intitulada *Homens e Masculinidades: Outras Palavras*. A obra passeia pelo tema da construção das masculinidades e da reprodução. Em sua primeira parte, intitulada “Sexualidade e Reprodução: dimensões do masculino”, as(os) autoras(es) dos cinco textos constatarem como o campo da reprodução humana foi estruturado com a ausência das masculinidades. O segundo eixo, “Os homens e o cuidado infantil: Permanências e rupturas”, aponta em cinco textos como o cuidado infantil, campo que histórica e socialmente é vinculado ao feminino, está sofrendo fortes mudanças. Na terceira parte do livro, apresentam-se relatos de experiência de pesquisas desenvolvidas com o tema das masculinidades e das paternidades.

No campo dos estudos das novas formas de vivência e construção das masculinidades e das parentalidades, destacamos a pesquisa de Rosely Gomes Costa (2002), feita em um ambulatório de reprodução humana em Campinas com homens que buscavam este serviço em busca de tratamento para esterilidade e métodos de planejamento familiar. No que tange aos estudos que envolvem parentalidades LGBTQs, destacamos como fundamentais as análises desenvolvidas por Uziel (2007) no livro “Homossexualidade e Adoção”, resultado de sua pesquisa de doutorado defendida em 2002 na Unicamp; compondo este novo campo, citamos como essencial o trabalho de Flávio Tarnovski (2007) intitulado “Pais assumidos”, resultado de sua dissertação de mestrado, em que o autor debate a construção da paternidade homossexual no Brasil. Esse é um foco parecido ao do trabalho de Adriano Beiras (2007), que, ao invés de analisar a paternidade homossexual, desenvolve sua pesquisa em contextos populares de Florianópolis. No mesmo ano, destacamos ainda o trabalho de Eduardo Saraiva (2007) que em sua tese de doutorado “Conjugando amor e desejo”. Ele desenvolveu sua pesquisa na cidade de Porto Alegre com pais que tiveram casamentos heterossexuais, separaram-se de suas esposas para construir vínculos afetivo-sexuais conjugais com outros homens. Nas narrativas dos entrevistados, destacam-se processos críticos que culminam com o assumir-se homossexual para seus filhos e para a sociedade.

Masculinidades desde um Brasil profundo

Se tradicionalmente os estudos das masculinidades estavam centrados no norte global, ao longo das últimas décadas, observamos a proliferação de produções também no sul global. Mas tal deslocamento não ocorreu apenas a nível macro (nacional), mas também micro (local). É preciso considerar que aqui no Brasil, a partir do fomento à criação de Programas de Pós-Graduação no país como política do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) durante os governos Lula e Dilma, houve um importante deslocamento da produção e visibilidade científica para além dos eixos metropolitanos sul-sudeste.

Tal processo tem oportunizado a formação de toda uma nova geração de pesquisadores e pesquisadoras comprometidos/as não apenas com a visibilização das realidades e problemáticas de um Brasil profundo e não metropolitano, mas também contribuído com a necessária revisão e atualização de teorias e perspectivas, oportunizando, assim, importantes deslocamentos socioantropológicos, políticos, éticos, estéticos, metodológicos, epistemológicos, dentre outros. Especificamente com relação ao campo das masculinidades, alguns trabalhos recentes merecem destaque.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “‘Não sou nem curto afeminados’: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr”, o pesquisador Mahmoud Baydoun (2017), tomando como lócus de análise uma plataforma destinada a encontros afetivo-sexuais entre homens, popularmente chamada de aplicativo de pegação, problematiza o modo como tais interações são atravessadas e constituídas por uma série de normatividades. Assim, a partir de categoria analítica efeminofobia, Baydoun reflete sobre os modos pelos quais se produz e reiteram ideais de masculinidade hegemônica nas relações homodesejantes mediadas digitalmente.

Ainda com relação às pesquisas voltadas à compreensão dos processos normativos e de subjetivação que compõem as masculinidades contemporâneas, encontra-se a dissertação de João Pedro Vilar Nowak de Lima (2022) intitulada “Barba, cabelo e bigode’: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande-MS”. Destacando o processo de constituição socioantropológica da capital de Mato Grosso do Sul, marcada pelo que o pesquisador nomeia de “ethos agro”, Lima percorre as dinâmicas de interação entre frequentadores de uma barbearia e os proprietários do estabelecimento. Afinal, o que um ambiente de homosociabilidade voltado para o cuidado estético tem a revelar sobre o universo das masculinidades? Em cena, um conjunto complexo e sempre instável de performances, códigos, valores e normatividades em que ser homem ou ser “macho” não está acima de qualquer suspeita.

Por sua vez, Jow Araujo (2022), em sua dissertação de mestrado intitulada “O segredo de Lourival’: Uma netnografia sobre corpo, dissidências e normatividades em Mato Grosso do Sul”, utilizando-se dos recursos da etnografia digital, amplia o debate sobre o campo das transmasculinidades a partir da análise das repercussões midiáticas em torno do “caso Lourival”. Lourival Bezerra de Sá, um homem trans que, após uma morte súbita, tem seu corpo retido durante meses no IML de Campo Grande-MS, com a justificativa de que teria cometido o crime de “falsidade ideológica” ao esconder “sua verdadeira identidade”. Entre a análise da matéria jornalística e seus efeitos nas redes sociais, Araujo desvela a atualização normativa do dispositivo transexualizador que atua a partir da articulação entre o saber-poder médico, jurídico, policial e midiático, cujo efeito é a negação ao reconhecimento e visibilidade das pessoas transmasculinas.

Certamente, tal normatividade não se restringe ao debate sobre transmasculinidades. É o que podemos compreender a partir da dissertação do pesquisador Carlos Júnio de Assunção Oliveira (2023), em que se percebe a articulação entre masculinidades e política. Voltando-se aos discursos misóginos, sexistas, homofóbicos e de ódio reiterado pelo ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro e por alguns representantes de sua base política, Oliveira, ancorado na noção de discurso foucaultiano, descortina as materialidades político-ideológicas-simbólicas que compõem o projeto de masculinidade hegemônica do bolsonarismo. Articulando o cenário político local ao global, evidenciando as heranças autoritárias presentes na constituição da sociedade brasileira, problematizando os efeitos sociopolíticos de um culto ao “imbrochável, incomível e imorrível”, o pesquisador nos permite compreender o quanto violência e virilidade se (re)articulam na (re)configuração das masculinidades contemporâneas, ao mesmo tempo em que evidencia as fragilidades dos projetos masculinistas em voga.

No que se refere a articulação entre masculinidades e economias do desejo, destaque para o trabalho do antropólogo Guilherme Rodrigues Passamani (2020, 2017) em torno da prostituição masculina e suas articulações com configurações socioculturais locais e trânsitos transnacionais.

Considerações Finais

A diversidade de temas e problemas de pesquisa, bem como a multiplicidade dos referenciais teórico-metodológicos utilizados pelos/as autores que compõem o presente dossiê, atestam que o campo das masculinidades é um campo em contínua expansão e atualização. Se é possível perceber uma série de deslocamentos com relação aos debates clássicos, como por exemplo quando se observa a ar-

ticulação entre masculinidades e saber científico (Tramontano, 2024), masculinidades e mercado sexual (Passamani, Rosa & Alaman, 2022), masculinidades, paternidades e a questão racial (Eloi, 2022), masculinidades e docência (Xavier, Seffner & Barbosa, 2020), masculinidades e as plataformas digitais (Silva & Duque, 2021), masculinidades e militarismo (Salles, 2023), masculinidades e esporte (Devide & Brito, 2021), ou mesmo a partir dos debates recentes em torno das transmasculinidades (Pfeil, Pustilnick & Victoriano, 2021), há um longo percurso a se fazer quando o assunto é masculinidades e povos indígenas, masculinidades e deficiência, masculinidades e religião, masculinidades e ativismo, masculinidades e migração, masculinidades e ciência, dentre outras possíveis articulações.

É assim que os textos reunidos no presente número não apenas atualizam o debate em torno das masculinidades contemporâneas, mas também estimulam novos horizontes de pesquisa. Destaque para as contribuições de:

Julieta Bramuglia e Hernán Palermo, *Tensiones y negociaciones entre la vida familiar y el trabajo productivo. Un estudio de caso sobre los conductores de taxi en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires-Argentina*. A partir do debate sobre a divisão sexual do trabalho, os autores refletem sobre o modo como os taxistas da cidade de Buenos Aires constroem suas masculinidades por meio de uma negociação complexa entre a esfera pública e privada da vida.

Ezequiel Aguilera e Santiago Morcillo, “*La masculinidad del otro te calienta más*”: Masculinidades y capital erótico en las experiencias de *varones argentinos creadores de contenido para adultos en OnlyFans*. Com base em uma investigação etnográfica sobre indivíduos que comercializam conteúdo audiovisual na plataforma OnlyFans, os pesquisadores buscam refletir sobre a forma como as dinâmicas de desejo e de masculinidades funcionam nesse contexto.

Mário Vieira Fernandes e Thiago Duque, *Aplicativos de relacionamento como artefatos culturais tecnológicos: masculinidades em tempos de apagamento de diferenças*. Neste artigo os autores analisam as experiências de homens que usam o Grindr - aplicativo de encontros afetivo-sexuais voltado para o público gay. Desde a discussão sobre pedagogia cultural, Fernandes e Duque pensam a relação entre a produção atual das masculinidades e o contexto do que chamam de “capitalismo afetivo”.

Thomas Victor Barreto Cardoso e Kelen Christina Leite, *Gênero, masculinidade e corpo: narrativas e memórias de homens trans*. Com o objetivo de refletir sobre a construção das masculinidades para indivíduos que se identificam como transmasculinos, os autores, a partir do referencial da história oral, debruçam-se sobre narrativas e memórias de alguns homens trans. Passando pelos temas de: hormonização, identidade transmaculina, relações de afeto, situações de violência, dentre outras, Cardoso e Leite elaboram uma crítica contundente à cisheteronormatividade.

Alberto Luís Silva e Tânia Mara Campos de Almeida, *A paternidade no centro pela busca do outras masculinidades entre grupos de homens*. Tomando como disparador uma etnografia digital, os autores refletem sobre o modo como participantes de grupos de homens do Distrito Federal elaboram e significam os sentidos de paternidade. A partir de tal cenário etnográfico, Silva e Almeida apresentam os dilemas e complexidades da noção de paternidade bem como alguns enredos normativos e patriarcais que a atravessa.

Helen Barbosa dos Santos, Henrique Caetano Nardi e Angelo Brandelli Costa, *Homens em situação de rua: entre a marquise e a emergência de um hospital de trauma*. Desde uma perspectiva etnográfica, Santos, Nardi e Costa percorrem os meandros e melindres cotidianos de um hospital de trauma localizado na cidade de Porto Alegre e que é frequentado por homens em situação de rua. Sustentados na perspectiva pós-estruturalista, feminista e decolonial, os autores nos oportunizam uma instigante reflexão sobre o modo dispositivos raciais e biopolíticos produzem masculinidades subalternas.

Matheus Eduardo Borsa e Claudete Gomes Soares, *Baco Exu do Blues e as representações de homens negros sobre si*. No artigo, Borsa e Soares analisam as representações sobre as masculinidades negras a partir das rimas e falas de Baco Exu do Blues (Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo). Ancorados no feminismo negro e decolonial, os autores problematizam as disputas e dinâmicas de produção de masculinidades de homens negros na contemporaneidade.

José Rodolfo Lopes da Silva e Marcio Caetano, *Reescrevendo masculinidades com a publicação Arlindo: solidariedade e produção de si enquanto possibilidades e a recusa à violência*. Ao longo do artigo, a partir da análise da obra literária Arlindo, de Luiza de Souza, os autores refletem sobre enunciados que configuram e significam a experiência de uma adolescência gay. Ao voltarem-se sobre a história do personagem, Silva e Caetano evidenciam a existência de uma pedagogia cultural produtora de sujeitos, masculinidades e políticas de reconhecimento e/ou invisibilidade.

José Felipe Alves de Sousa, Elaine de Jesus Souza e Antonio Jeferson Barreto Xavier, *“Matemática atraía mais os homens!”: olhares docentes sobre gênero e masculinidades*. A partir da pergunta “O que o gênero tem a ver com o ensino de Matemática?”, os pesquisadores problematizam alguns discursos sobre gênero e masculinidades a partir de narrativas de professores de Matemática da rede pública de ensino de uma cidade do Cariri Cearense. Ao constatarem a existência de discursos machistas, sexistas, misóginos e homofóbicos entre seus interlocutores, Sousa, Jesus Souza e Xavier apontam tanto a predominância de uma masculinidade estereotipada e normativa quanto a necessidade de mudanças formativas nos cursos de licenciatura em Matemática.

Por fim, a resenha elaborada por Eliciel Freire de Salles em torno da obra de autoria do psicólogo e psicanalista Pedro Ambra “Cartografias da Masculinidade”.

Acreditamos que os artigos aqui reunidos, com uma importante representatividade disciplinar, institucional, regional, nacional e internacional, podem servir de estímulo às novas gerações de pesquisadores e pesquisadoras interessados/as em uma compreensão das masculinidades desde uma perspectiva crítica, interdisciplinar e interseccional.

Esmael Alves de Oliveira é doutor em Antropologia Social pela UFSC, professor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e docente nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e Psicologia (PPGpsi) da UFGD. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado com bolsa do CNPq (Processo: 177092/2023-8) junto ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira da Fiocruz. Pesquisador vinculado ao Diverso (CNPq/UFGD), ao Impróprias (CNPq/UFMS) e ao GENSEX (CNPq/Fiocruz).

Marcos Nascimento é doutor em Saúde Coletiva pela UERJ, pesquisador titular da Fundação Oswaldo Cruz, docente do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira da Fiocruz. Coordenador do GENSEX - Núcleo de Estudos sobre Gênero, Sexualidade e Saúde.

Moisés Lopes é doutor em Antropologia Social pela UNB, professor Associado no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Docente dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e de Saúde Coletiva (PPGSC) da UFMT. Integra o Instituto Brasil Plural/INCT/PPGAS/UFSC/UFAM e é fundador e líder do Grupo de Pesquisa, certificado pelo CNPq, NAPlus - Núcleo de Antropologia e Saberes Plurais da UFMT.

REFERÊNCIAS

- Aguayo, F. (2023). *Hombres, masculinidad y depresión. Narrativas sobre la depresión y las barreras de atención en salud mental en hombres chilenos*. Tesis doctoral. Valparaíso: PUC-Valparaíso.
- Albuquerque Júnior, D. M. (2003). *Nordestino: Uma invenção do falo (uma história do gênero masculino - Nordeste 1920/1940)*. Maceió: Catavento.
- Almeida, G. (2012). “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 20: 513-523. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>
- Alvarez, V. S. (2017). *Masculinidade e prevenção: a relação entre a prática sexual dos homens e a profilaxia pós-exposição sexual ao HIV (PEP)*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Medicina Preventiva, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.
- Araujo, J. (2022). “O segredo de Lourival”: Uma netnografia sobre corpo, dissidências e normatividades em Mato Grosso do Sul (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS.
- Arilha, M., Unbehaum, S., & Medrado. B. (Orgs.). (1998). *Homens e Masculinidades: Outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34.
- Assunção, C. J. O. (2023). “Imbrochável, incomível e imorrível”: uma análise das masculinidades à luz do discurso bolsonarista (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS.
- Badinter, E. (1992). *XY - de l'identité masculine*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Baére, F., & Zanello, V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 25: 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>
- Barreto, V. H., S. (2012). “Vamos fazer uma sacanagem gostosa?": uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculina carioca. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.
- Barreto, V. H., S. (2016). Festas De Orgia Para Homens: territórios de intensidade e socialidade masculina. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.
- Baydoun, M. (2017). “Não sou nem curto afeminados”: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho-RO.

- Beiras, A. (2007). *A Negociação de Sentidos sobre Masculinidades e Paternidades em Contextos Populares de Florianópolis*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.
- Bezerra, V. P. (2019). Representações da pele na experiência do sexo bareback entre homens na cidade do Rio de Janeiro. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 6, n. 12, pp. 127-144. 10.48074/aceno.v6i12.8461
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: Éditions du Seuil.
- Braz, C. (2019). Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina. *Cadernos de Saúde Pública*, 35: 1-11. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00110518>
- Brigeiro, M. (2000). *Rir ou chorar? Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: IMS/UERJ.
- Caetano, M., & Silva Junior, P. M. (2018). *De guri a cabra-macho: Masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Caldas, D. (org.). (1997). *Homens: comportamento, sexualidade, mudança*. São Paulo: SENAC.
- Camilo, V., & Silva Junior, P. M. (Orgs.). (2022). *Masculinidades negras: novos debates ganhando formas*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editora.
- Cardoso, D. T.; Beiras, A. (2022). Masculinidades, psicoterapia e construcionismo social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(74): 52-68. <https://doi.org/10.38034/nps.v31i74.713>
- Carvalho Junior, E. F. (2021). *(De)leites (PrEP)arados: uma etnografia sobre a Profilaxia de Pré-exposição ao HIV em Anápolis (GO)*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiânia, Goiânia-GO.
- Carrara, S., & Moraes, C. (1985). Um mal de folhetim. *Comunicações ISEER*, Rio de Janeiro, v.4, n.17, p. 20-26, 1985.
- Connell, R. (2000). *The man and the boys*. Sydney: Allen e Unwin.
- Connell, R. (1995). *Masculinities*. UK: Polity Press.
- Córdova, L. F. N. (2004). “Amor sem vergonha”: A vida conjugal de gays e lésbicas na comunidade do Ratores – Ilha de Santa Catarina (pp. 61-72). In: Lisboa, M. R. A. e Maluf, S. W. (orgs.). *Gênero, Cultura e Poder*. Florianópolis: Mulheres.
- Costa, A. H. C., & Gonçalves, T. R.. (2021). “Os vulneráveis dos vulneráveis”: masculinidades e Profilaxia Pós-Exposição no serviço de saúde no Sul do Brasil. *Sexualidad, Salud Y Sociedad* (Rio de Janeiro), (37), e21215. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21215a>

- Costa, R. G. (2003). Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 20(1), 79–92. Recuperado de <https://rebecp.org.br/revista/article/view/305>.
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Revista Estudos Feministas*, 10(2), 339–356. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200005>.
- De Luiz, G. M., & Spink, M. J. (2013). O gerenciamento dos riscos no cenário da aids: estratégias adotadas por homens que fazem sexo com homens em parceria casual. *Athenea Digital*, 13(3), 39-56. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n3.950>
- Devide, F. P., & Brito, L. T. (Org.). (2021). *Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: nVersos.
- Eloi, Y. (2022). Paternidades negras: transformando o drama em um ato político de resistência. In: Camilo, V.; Silva-Junior, P. M. (orgs). *Masculinidades negras: novos debates ganhando forma*. São Paulo: Ciclo contínuo editorial. pp. 41-54.
- Fabbri, L. (comp.). (2021). *La masculinidad incomodada*. Rosario: UNR: Homo Sapiens.
- Falconnet, G., & Lefaucheur, N. (1975). *La fabrication des mâles*. Paris: Éditions Du Seuil.
- Faustino, D. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo (pp.75-104). In Blay, E. A. (org). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Felberg, E. (2015). *O Sexo Nu: Bareback e outras reflexões*. Curitiba: Editora Appris.
- Ferrari, W., Nascimento, M. A. F., Nogueira, C., & Rodrigues, L. (2021). Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7): 2729-2738. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07252021>
- Ferrari, F. C. (2018). Biomedicalização da resposta ao HIV/ Aids e o caso da emergência da PrEP: um ensaio acerca de temporalidades entrecruzadas. *Equatorial - Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. v.4, n.7, p.131-160. <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2017v4n7ID14969>
- Gomes, R., Couto, M. T., & Keijzer, B. (2020). Hombres, género y salud. *Salud Colect*, 16: 1-4. <https://doi.org/10.18294/sc.2020.2788>
- Gomes, R., Cecchetto, F. R., & Nascimento, M. (2017). Homens e violências: relações naturalizadas e desafiadoras para a saúde (pp. 187-201). In Minayo, M. C. S., & Assis, S. G. *Novas e velhas faces da violência no Século XXI: Visão da literatura brasileira do campo da saúde*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- Gomes, R. (Org.). (2011). *Saúde do homem em debate*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

- Gomes, R. (2008). *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Grossi, M. P. (2004). Masculinidades: Uma Revisão Teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, 75:1-34.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond.
- Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos* (Online), Porto Alegre, 23: 283-323.
<https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>
- Hermosa-Bosano, C., Paz, C., Hidalgo-Andrade, P., & Aguayo-Romero, R. (2021). Sexual Behaviors and HIV/STI Prevention Strategies Among Sexual Minority Men in Ecuador Who Use Geosocial Networking Apps. *Archives of Sexual Behavior*, 50:3011–3021. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02093-7>
- Izquierdo, G. M., Rodríguez, J. C. R., & Hernández, E. P. (2015). Prostitución masculina: una revisión narrativa. *Rev. Investigaciones Andina*, 17 (31): 1368-1389.
- Jardim, D. (2001). “Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos”. (pp. 189-201) In: Leal, O. F (org.). *Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Jones, D., & Blanco, R. (2021). Varones atravesados por los feminismos. Deconstrucción, distancia y reforzamiento del género. (pp. 489-508). In: FABBRI, Luciano (comp.). *La masculinidad incomoda*. Rosario: UNR: Homo Sapiens.
- Kimmel, M. S., & Messner, M. A. (1992). *Men's lives*. Thailand: Macmillan Publishing Co.
- Kimmel, M. S. (1987). *Changing men: New directions in research on men and masculinity*. Newbury Park, CA: Sage.
- Leal, O. F. (1989). *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas*. PhD Anthropology. University of California, Berkeley.
- Lima, J. P. V. N. (2022). “Barba, cabelo e bigode”: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande-MS (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS.
- Lopes, M. A. S. (2009). “Casar e dar-se ao respeito”. Conjugalidade entre homossexuais masculinos em Cuiabá. (pp. 489-508). Heilborn, M. L., Aquino, E. M., Barbosa, R. M., Bastos, F. I., Berquó, E., & Rohden, F. (orgs). *Sexualidade, Saúde e Reprodução*. Rio de Janeiro: FGV.
- Lopes, M. A. S. (2010). “Homens como outros quaisquer”. *Subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina* (Tese de doutorado). Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

- Madrid, S., Valdés, T., & Celedón, R. (comp.). (2020). *Masculinidades en América Latina: Veinte años de estudios y políticas para la igualdad de género*. Santiago: Crea Equidad.
- Mathias, A. (2021). Profilaxia pós-exposição sexual ao HIV (PEP Sexual) no contexto da prevenção combinada entre homens que fazem sexo com homens. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Medicina Preventiva, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.
- Medrado, B., Lyra, J., Nascimento, M., Beiras, A., Paula, A. C., Alvarenga, E. C., & Lima, M. L. C. (2021). Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(1):179-183. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.35122020>
- Medrado, B. (1997). *O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira* (Dissertação de Mestrado). Psicologia, PUC/SP, São Paulo.
- Miskolci, R. (2012). A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente (pp. 32-52). In PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago e MAGALHÃES, Bóris. *Sexualidade, Gênero e Mídia – Olhares Plurais para o Cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica. <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-279-6>. p.32-52
- Nascimento, M. A. F. (2001). *Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher* (Dissertação de mestrado). Saúde Coletiva, UERJ, Rio de Janeiro.
- Nolasco, S. (1993). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Oliveira, E. A., & Becker, S. (2018). Regimes de verdade, regimes de governamentalidade: uma análise foucaultiana sobre o estatuto da família. *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, 5: 15-30. [10.48074/aceno.v5i9.6569](https://doi.org/10.48074/aceno.v5i9.6569)
- Paiva, A. C. S. (2007). *Reservados e Invisíveis: O ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Fortaleza: PPGS/UFC; Campinas: Pontes Editores.
- Passamani, G. R., Rosa, M. V., & Lopes, T. B. O. (2020). Prostituição masculina e as interseções desejantes nas ruas de Campo Grande-MS. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (ONLINE), 35: 1-15. <https://doi.org/10.1590/3510303/2020>
- Passamani, G. R.. (2017). “É ajuda, não é prostituição”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas, 51, e175109. <https://doi.org/10.1590/18094449201700510009>
- Passamani, G. R., Rosa, M. V., & Alaman, J. S. (2022). Escorts brasileiros em Lisboa: trânsitos, desejos e negociações nas economias sexuais em contextos transnacionais. *Análise Social* (Lisboa), LVII: 256-279. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022243.03>

- Peçanha, L., & Almeida, G. S. (2021). Transmasculinidades e saúde: do processo transexualizador a um pouco além. In: Oliveira, E.C., Viegas, L. S., & Messeder Neto, H. S. *Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida*. (pp. 186-196). Salvador: EDUFBA.
- Pelúcio, L. (2015). Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 01, p. 31-60. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4449201500440031>
- Perlongher, N. (1987a). *O negócio do michê: A prostituição viril*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Perlongher, N. (1987b). *O que é AIDS?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- Pfeil, B., Pustilnick, N., & Victoriano, N. (Orgs). (2021). *Corpos Transitórios: Narrativas Transmasculinas*. Salvador: Diálogos.
- Pinho, O. (2014). Um Enigma Masculino: Interrogando a Masculinidade da Desigualdade Racial no Brasil. *Universitas Humanistica*, 77: 227-250. 10.11144/Javeriana.UH77.emim
- Pollak, M. (1990). *Os homossexuais e a AIDS - sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Ramírez, J. C. (coord) (2020). *Hombres, masculinidades, emociones*. Grupo editorial: Universidad de Guadalajara - Publicado en asociación con: Centro Universitario de Ciencias Económico Administrativas (CUCEA). Disponível em: <https://www.cucea.udg.mx/incluye/publicaciones/coorinv/pdf/Hombresmasculinidadesemocionesebook.pdf>
- Restier, H., & Souza, R. M. (Orgs). (2018). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Editora Ciclo Continuo.
- Rocha, T. B. (2019). *“Entre lá e cá”: nexos e mediações na produção de um ensaio clínico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Rohden, F. (2012). Capturados pelo sexo: a medicalização da sexualidade masculina em dois momentos. *Ciência e Saúde Coletiva*, 17: 2645-2654. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001000014>
- Salles, E. F. (2023). *Olhares sobre violência doméstica e familiar pelo periscópio de policiais militares do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD.
- Saraiva, E. S. (2007). *Conjugando amor e desejo: sobre experiências masculinas do “assumir-se” homossexual*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.
- Schpun, M. R. (Org). (2004). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial/Santa Cruz do Sul: Edunisc.

Seffner, F. (1995). AIDS, estigma e corpo (pp. 391-415). In: LEAL, Ondina F. (Org.). *Corpo e significado - ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da Universidade.

Seffner, F. (2003). *Derivas da masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no âmbito da Masculinidade Bissexual* (Tese de Doutorado). Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.

Sierra, J. C., & Meyer, D. E. (2020). Entre capturas biopolíticas e estratégias de resistência LGBT: Um ensaio sobre a lógica fármaco-moralizante na Profilaxia Pré-exposição – PREP. *Revista Artes de Educar*: Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, pp. 1018-1037. <https://doi.org/10.12957/riac.2020.54592>

Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26: 4613-4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>

Silva, S. M., & Duque, T. (2021). *O currículo dos carros: masculinidades, branquitude e pedagogia cultural no YouTube*. (pp. 399-399) In: Integra UFMS, 2021, Campo Grande. Integra UFMS. Campo Grande: Editora da UFMS.

Silvério, M. (2014). Gênero, sexualidade e swing: a resignificação de valores através da troca de casais. *Sexualidad, Salud Y Sociedad* (Rio De Janeiro), (18), 111–139. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.18.07.a>

Simões, J. (2011). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, 22(51): 7-19. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/edicao_revista/88463fcb-a956-4d79-ae84-25c3b6e9d274.pdf

Souza, R. M. (1994). *Paternidade em transformação: o pai singular e sua família* (Tese de Doutorado). Psicologia, PUC-SP, São Paulo.

Tarnovski, F. L. (2007). *“PAIS ASSUMIDOS”: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

Tramontano, L. (2012). *“Continue a nadar”: sobre testosterona, envelhecimento e masculinidade* [Dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: IMS/UERJ.

Tramontano, L. (2024). *Testosterona: a biografia de um hormônio*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Uziel, A. P. (2007). *Homossexualidade e adoção*. Rio de Janeiro: Garamound.

Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

Valle, C. G. O. (2002). Identidades, doenças e organização social: um estudo das pessoas vivendo com HIV e AIDS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.8, n.17, p. 179 - 210.

Vigoya, M. V. (2018). *As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 9 (2): 460-482.

Xavier, A. J. B., Seffner, F., & Barbosa, M. C. S. (2020). “Mulher tem mais facilidade para coisa artística, organização, trabalhos didáticos”: Produção de masculinidades e estratégias pedagógicas nos anos iniciais na roça. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, 6:365-388. <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i4.37436>

Zanello, V. (2020). “Masculinidades, Cumplicidade e Misoginia na “Casa dos Homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil”. (pp. 79- 102). In Ferreira, L. (Org.). *Gênero em perspectiva*. Curitiba: CRV.

MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS: CRUZANDO TEMAS E PERSPECTIVAS

Resumo: Embora o campo dos estudos sobre masculinidades tenha emergido no contexto do norte global ao longo das décadas de 1970-1990, de 1990 em diante, observa-se um crescimento significativo nas produções acerca do tema, seja a nível internacional, seja a nível nacional. No Brasil, tal expansão tem sido acompanhada tanto por desdobramentos em torno de temas consagrados, tais como violência masculina, machismo, poder, sexualidade, quanto por novos enquadres temático-analíticos. Tendo como pano de fundo esse cenário de contínua efervescência, é que propusemos a organização do presente dossiê temático “Masculinidades contemporâneas: cruzando temas e perspectivas”. O intuito foi o de ampliar o debate possibilitando, desta forma, a visibilidade de trabalhos e pesquisas de diferentes nacionalidades, pertencentes às mais diversas áreas disciplinares e suas respectivas fontes teórico-metodológicas. Afinal, o que as masculinidades contemporâneas nos provocam a pensar? Quais as continuidades e discontinuidades que revelam em relação aos debates clássicos?

Palavras-chave: Masculinidades; Estudos de Gênero; Interdisciplinaridade; Sul Global; Marcadores Sociais de Diferença

CONTEMPORARY MASCULINITIES: CROSSING THEMES AND PERSPECTIVES

Abstract: Although the field of masculinity studies emerged in the context of the global north during the 1970s and 1990s, from the 1990s onwards, there has been a significant growth in productions on the subject, both internationally and nationally. In Brazil, such expansion has been accompanied both by developments around consecrated themes, such as male violence, sexism, power, sexuality, and by new thematic-analytical frameworks. Against the background of this scenario of continuous effervescence, we proposed the organization of this thematic dossier “Contemporary masculinities: crossing themes and perspectives”. The aim was to broaden the debate, thus enabling the visibility of works and research from different nationalities, belonging to the most diverse disciplinary areas and their respective theoretical-methodological sources. After all, what do contemporary masculinities provoke us to think? What continuities and discontinuities do they reveal in relation to classical debates?

Key words: Masculinities; Gender Studies; Interdisciplinarity; Global South; Social Markers of Difference.

MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS: TEMAS CRUZADOS Y PERSPECTIVAS

Resumen: Si bien el campo de los estudios de masculinidad surgió en el contexto del norte global durante las décadas de 1970 y 1990, a partir de la década de 1990 ha habido un crecimiento significativo en las producciones sobre el tema, tanto a nivel internacional como nacional. En Brasil, tal expansión ha estado acompañada tanto por desarrollos en torno a temas consagrados, como la violencia machista, el sexismo, el poder, la sexualidad, como por nuevos marcos temático-analíticos. En el contexto de este escenario de continua efervescencia, propusimos la organización de este dossier temático “Masculini-

dades contemporâneas: cruce de temas y perspectivas”. El objetivo fue ampliar el debate, posibilitando así la visibilidad de trabajos e investigaciones de diferentes nacionalidades, pertenecientes a las más diversas áreas disciplinares y sus respectivas fuentes teórico-metodológicas. Después de todo, ¿qué nos hacen pensar las masculinidades contemporâneas? ¿Qué continuidades y discontinuidades revelan en relación con los debates clásicos?

Palabras clave: Masculinidades; Estudios de Género; Interdisciplinariedad; Sur Global; Marcadores Sociales de Diferencia.

RECEBIDO: 07/08/2023

APROVADO: 10/06/2024

PUBLICADO: 01/10/2024



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC